A SEMIOLOGIA E LEITURA DE IMAGEM NA RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM

The semiology and reading picture in the Teaching and Learning relationship

LOURENÇONI, Maria Angela
Faculdade Max Planck

RESUMO A revisão da literatura efetuada sobre a leitura de imagem e da possibilidade de construção do sentido em função da análise semiótica foi baseada na análise das teorias da semiótica que propõem formas de interpretação do signo imagético, detalhando-o em unidades tão profundas quanto às encontradas nos recursos lingüísticos. Foi possível detectar elementos importantes no estudo da imagem perfazendo a estrutura de discurso, aplicados em contexto sócio-histórico e razoável pragmatismo no discurso pictórico. O presente estudo debate a importância do processo cognitivo como necessário para a leitura e interpretação da imagem, ativando as partes vinculadas ao uso da linguagem no sistema nervoso central. Todo esse contexto, somado ao uso de figuras em materiais didáticos remontam a real importância do signo imagético no processo de aprendizagem, bem como de estímulo do uso das fontes de memória, oferecendo profundas contribuições ao processo de construção interno do código lingüístico.
Palavras-chaves: imagem, semiótica, didática, aprendizagem.

ABSTRACT: The literature review conducted on the reading of image and the possibility of construction of meaning in the light of semiotic analysis was based on analysis of semiotic theories that propose ways of interpreting the sign imagery, detailing the units as deep as those found the linguistic resources. It was possible to detect important elements in the study of image making the structure of discourse, applied in socio-historical context and reasonable pragmatism in pictorial discourse. This study discusses the importance of the cognitive process as needed for reading and interpretation of the image, enabling the parties tied to the use of language in the central nervous system. All this context, coupled with the use of illustrations in teaching materials back to real sign of the importance of imagery in the learning process as well as stimulating the use of sources of memory, offering profound contributions to the internal construction process of linguistic code.
Key-words: image, semiotics, teaching, learning.

INTRODUÇÃO

A Semiologia pode ser definida como sendo a ciência que volta atenção e foco de estudo nos signos. Essa ciência pode aprofundar a forma de análise acerca da natureza dos signos iconográficos e explicar de que forma ocorre o entendimento dos elementos visuais na atribuição de significado.

É importante ressaltar que neste estudo a imagem está relacionada com a compreensão e análise do discurso produzido mais especificamente de caráter não-verbal. Assim, abrem-se aqui novas perspectivas de abordagem nas análises de significado, considerando ser possível estudar e entender os elementos visuais como sendo estes os operadores de discurso.

Para viabilizar esse trabalho foi necessário estabelecer uma condição prioritária – na qual pretende-se o tratamento da imagem através da sua co-relação com o verbal – desvinculando a imagem da mensagem escrita e analisando a imagem em alinhamento com a linguagem pelos critérios não-verbais. Trata-se aqui, portanto, do estudo da percepção da estrutura discursivo-visual em que a correlação entre abordagens que definem a percepção e a compreensão do objeto poderão firmar meios de interpretação das imagens.

> A comunicação como aprendizagem é apreensão, é recepção e se sustenta pelo poder das matrizes discursivas que se intercambiam numa estética permanente com poderes para compreender. A imagem é pano de fundo onde se entrecruzam intertextualmente linguagens que ao tecer o discurso reinscreve sobre imagens nas variações de lugar correlações e diálogos. A leitura é, pois, essa arquitetura imagética onde apostamos nos dados das linguagens e intertextualidade. (MAGNO e VASCONCELOS, 2006, p. 2)

A imagem pode ser entendida como sendo um fator que combina conceitos visuais entre si ou mesmo com conceito verbal fazendo justaposições intertextuais, de forma a expandir conceitos preexistentes e suprindo, possivelmente, demandas de construção de novos significados. Conforme orientam os autores, Maria Inês Magno e Paulo Vasconcelos (2006), o semioticista Pierce já apontava que a imagem, em função da sua tríade: pensamento, percepção e signo (matriz lógica) tem o poder de arquitetar e articular cognitivamente, estando ela em sua condição material, isto é, figurada, ou imaterial (imaginada enquanto forma).

Para que se compreenda o uso da imagem enquanto instrumento de ensino é preciso aceitar que a construção do discurso em sala de aula é parte de uma comunicação educativa. Neste aspecto salienta-se que existe a condição de um tipo de atenção focada na imagem, sobre a qual ampara-se a didática na comunicação do educador. Magno e Vasconcelos (2006) defendem, inclusive, que o fenômeno

estético é objeto de estudo como meio de viabilizar a interação "(...) como ação catalisadora da aproximação e a interação se afirma pela capacidade de sedução, de persuasão, de desejo estimulado pelo encontro e capacidade de empatia estética e visual."

É importante ter claro que o interesse do presente trabalho é despertar o educador para a necessidade do uso da imagem como recurso didático, recurso este que favorece o entrelaçamento entre a palavra e a intenção comunicativa do professor no conteúdo programado, sendo que o exercício de compreensão visual pode atribuir interatividade do educando com o assunto ou tema de aula como também promover amplitude de interpretação.

> É necessário ao mesmo tempo ter consciência na produção de textos híbridos e, assim, ter uma ação estratégica de aprendizagem e de como utilizar esse duplo: imagem e palavra com funções de comunicação, e seus ambientes de aprendizagem.
> (...) Todo sujeito da comunicação é um jogador cognitivo do texto em que aposta em campos semânticos diversos na busca de mais entender, compreender e interagir por captação do texto, no desejo de estar em comum sentido, via de comunicação.
> (...) Precisamos saber dar a palavra e a imagem seus campos de atuação numa análise semiótica da comunicação para efeito do interagir e só assim podendo estabelecer laços de comunicação e aprendizagem. (MAGNO e VASCONCELOS, 2006, p. 9)

O que se pretende com este estudo é reforçar, sob a luz da semiótica, que o processo de compreensão da imagem está muito além de promover a atenção visual específica, afirmando que o signo imagético é capaz de aprimorar o repertório lexical, tanto quanto dele depende para poder eliciar o mecanismo de interpretação no indivíduo, como também é capaz de estimular mais intensamente o desenvolvimento cognitivo do aluno.

Justifica-se a importância desse trabalho pela realidade em que vivemos - cercada por modernos meios de comunicação de massa - com total imersão em meios visuais, sejam estes meios advindos da propaganda ou da tela do computador, faz-se necessário encontrar devida distância crítica da mensagem pictórica. Devido à grande possibilidade de manipulação que permitem as

mensagens das imagens, este estudo concentra-se apenas no aspecto do interesse do uso da imagem na relação de aprendizagem.

Goodman (1968) expande o conceito de representação afirmando que, entre outros tipos de função, existe a descrição, a expressão e a exemplificação. Tais funções diferenciam as possibilidades de sentidos que uma qualidade sígnica pode obter em representação imagética. Mais adiante, em outra década, Braun (1981) apresentará mais uma função sígnica dentro da semiótica fenomenológica, afirmando que existem os signos representativos e o não-representativos, chamados por ele de índices ou indícios.

Para os autores Santaella e Nöth (2008), o ponto de partida dessa distinção apresentada por Braun (1981) está na diferenciação de Husserl (1900). Este autor define a existência de signos de expressão (intencional) e significativo (sem função significativa), sendo este último o equivalente a indício e apresentado pelo fenomenólogo Alfred Schütz (1932, p. 165) como “um objeto do conteúdo, cuja existência indica a existência de certos outros objetos e conteúdos no sentido de que a convicção do ser de um não é experienciada como um motivo compreensível para a convicção do ser de outro”.

A convicção do intérprete na existência do objeto de referência (o outro objeto de Shütz) demonstra o indício que está também na consciência do intérprete, explicam Santaella e Nöth (2008). Em seus estudos, o próprio Schütz (1932) determina que a representação de signos não-indexicais podem ser convencionalmente entendido como um símbolo.

A psicologia cognitiva há muito tempo tem desvendado a forma de codificação simbólica dos signos icônicos. O modelo de signo imagético de Zimmer (1983) considera o campo visual dividido em unidades semióticas (protótipos visuais para representar conceitualmente coisas descritíveis). Bierdermann (1987) discute a latência da percepção dessas unidades mínimas – componentes volumétricos ou goene – com dependência de um repertório de 36 unidades mínimas visuais.

A semiótica, atualmente, tem se desdobrado em buscar uma gramática da imagem, a discussão atinge um plano de articulação da imagem que corresponde a

uma unidade meramente diferenciadora de significado. Embora tais unidades não possam fazer parte de um código semiótico, podem fazer parte de um código de percepção pré-semiótico: as imagens não são articuladas através de um código, contudo, cada texto icônico postula a produção de um código. (ECO, 1976).

MENSAGEM, SIGNO E IMAGEM

Para constituir a mensagem é necessário várias pequenas unidades de palavras resultantes de uma associação entre um estímulo físico e uma ideia. A mensagem é resultado da associação de uma ou mais ideias a um ou mais estímulos físicos. (BLIKSTEIN, 2006)

De acordo com Blikstein (2006), essas pequenas unidades menores constituintes da mensagem, portanto, são denominadas signos. Já o signo resulta da associação entre o significante (estímulo físico) e o significado (ideia ou conceito). O significado, de acordo com Pimenta (2006), está vinculado ao uso social do signo, com a forma como o é compreendido o conceito a ele associado. Já o significante, pela perspectiva da mesma autora, é a manifestação concreta do signo (desenho, palavra, gesto ou som) e este possui significados diferentes em função do contexto onde se encontram.

O conceito formado para cada referente sofre influência de um repertório cultural e social:

> A elaboração de um conceito é resultado da capacidade de identificar o que há de comum em muitos objetos semelhantes, abstraindo suas qualidades comuns. O conceito corresponde à imagem mental formada após este processo. Ex: PEDRA, qualidades comuns: dura, fica no chão, não se move, pesada, escura. (PIMENTA, 2006, p. 21)

Blikstein (2006) afirma que o significado de uma palavra é convencional porque é fixado por um código. Assim é necessário conhecer a relação significante/significado que o código lingüístico estabelece-se como resultante do que se convencionou como referente e conceito. Já, segundo o mesmo autor, o signo icônico (ou visual) não depende essencialmente do conhecimento do código e

provoca imediatismo na sua interpretação, que corresponde a um sentido de analogia (entre significante e significado).

Enquanto que a decodificação do signo lingüístico é linear, aponta Blikstein (2006), a decodificação do signo icônico é contínua e global, na qual a imagem é percebida como uma configuração compacta de estímulos visuais, “que não se dispõem em seqüência, mas de um modo contínuo e ininterrupto” (p. 78)

O formato da estrutura do discurso visual favorecendo a construção de sentido, atribuição de conceito e de significado, considera os mecanismos discursivos que ajudam na construção do texto não-verbal. Dessa forma é possível expor de forma clara e objetiva os conceitos implícitos fazendo uso da imagem,. Assim, trabalho de decodificação da mensagem passa pela inferência do que essas imagens (sugeridas) são capazes de atribuírem ao texto não-verbal um caráter mais heterogêneo de conceitos e ideias, provavelmente com menor possibilidade de distorção da intenção comunicativa.

> O signo, na sua produção de semiose está na produção de cognição e só assim realiza a condição do signo. O pensamento diante da imagem produz signagem, pois está em manutenção de cognose. Portanto, produzir para a comunicação educativa é estar semioticamente comprometido em discurso e texto, e assim, a entrar ao campo das polissemias saber tratar as escolhas sígnicas de modo a produzir intertextualidades e diálogos que mantém a intertextualidade ampla e concisa. (MAGNO e VASCONCELOS, 2006, p. 3)

Neste aspecto se apresenta, como elemento de fundamental importância, a contribuição da estrutura do discurso, que se define pelo efeito de sentidos entre emissor e receptor das mensagens. O discurso possui regularidade e funcionamento próprios e a apreensão considera como elementos apropriação de sentido o social e histórico, bem como o objetivo e o subjetivo em caráter de oposição. O entendimento nasce de um contexto social e da relação com vários outros conceitos. (MEDEIROS, 2007)

Importante ressaltar no entendimento da mensagem icônica a observação de Sonesson (1989) relatando existir relatividade textual e estilística nos elementos imagéticos que funcionam como traços distintivos ou portadores de significados. Atualmente considera-se que a semântica da imagem pode ser, em particular,

polissêmica, pois as imagens também contam com contextos podendo determinar a interpretação de uma imagem individual. (SANTAELLA e NÖTH, 2008).

Análise do discurso e interpretação:

A formação do discurso deve seguir a premissa do que pode ser dito a partir de uma formação social e cultural, sempre associadas a um contexto sócio-histórico. Isto significa que é possível determinar a relação do conceito implícito ou explícito com uma ideologia. Para Medeiros (2007, p. 380) “(...) a analise do discurso não cuida da língua como sistema abstrato, mas da língua no mundo, com maneiras de significar (...)”.

A análise de discurso tem como objetivo compreender como os objetos simbólicos produzem sentido, bem como quais são os atos do domínio simbólico que podem interferir no sentido.

Já a compreensão se perfaz em grande parte segundo outros elementos que não os da simples interpretação. Medeiros sustenta que “compreender exige saber como um objeto simbólico (texto pintura, música, etc.) produz sentidos. Exige saber como as interpretações funcionam.” (2007, p. 382)

Na interpretação da imagem é preciso que o leitor perceba os efeitos de sentido, pois seu discurso se constitui dentro de determinadas condições ideológicas, sociais, culturais que presumem um motivo para a existência de um sentido amplo. Neste tipo de formação discursiva cabe ao analista do discurso o recurso da memória para conseguir remeter o que está implícito ao conteúdo já compreendido e apresentado anteriormente sob outras condições. Joly (1996) argumenta que as imagens podem auxiliar não só na observação como também na interpretação de fenômenos físicos. Para essa autora, a imagem possui sua própria eloqüência.

Essa disciplinização na interpretação da imagem que pode ser traduzida como processo de parafraseamento de imagens se conduz através da (re) leitura, confirmando uma autonomia do analista de discurso no trabalho de interpretação.

A análise do discurso sem palavras ou da associação de palavras com imagens permite uma heterogeneidade(s) enunciativa(s) que transpassa o dito e o não-dito, conferindo ocasionalmente o efeito da voz implícita na mensagem.

Por outro lado, Souza (2008) em seu artigo sobre o discurso e a imagem nos desperta para a seguinte consideração diante da análise de discurso não linear:

> O jogo de formas, cores, imagens, luz, sombra, etc nos remete, à semelhança das vozes no texto, a diferentes perspectivas instauradas pelo eu na e pela imagem, o que favorece não só a percepção dos movimentos no plano do sinestésico, bem como a apreensão de diferentes sentidos no plano discursivo-ideológico, quando se tem a possibilidade de se interpretar uma imagem através de outra. - emprestam à imagem a sua identidade. (Souza, 2008)

Lopes (1987), afirma que para a Semiologia Visual a imagem não representa um objeto de realidade, sem preexistência de um signo representativo, orientado basicamente, pela tangibilidade das formas, cores (e até mesmo volumes). O contexto do discurso é construído pela estrutura topológica.

O valor textual da configuração visual pode ser fundamentalmente percebido em sua integridade de constituição. Trata-se do esquematismo da representação; esta é uma ideia da diversidade dos modelos percepcionais e oriunda do argumento de Gombrich. (PICADO, 2004)

As representações visuais presentes na imagem irão requerer do leitor explorações, executadas pelo olhar, ao núcleo conceitual do discurso visual. As imagens pictóricas são descritas por caracteres icônicos. A materialidade da imagem passa a ser percebida por seu conjunto de entidades que compõem o mundo real, apresentados pelos seus sucessivos segmentos de conteúdos definidos como sendo as propriedades do objeto.

Distintamente, o mesmo autor argumenta que no campo da Semiologia da Imagem a interpretação da imagem está arquivada na competência figurativa das pessoas. A interpretação, portanto, segundo o autor, possui dependência do conhecimento prévio e posteriormente identificado por sua nomeação.

> As leituras semiológicas são, destarte, *exercícios interpretativos de segmentos previamente recortados pela lexicalização da cena pintada, onde tudo tem um nome.* (LOPES, 1987, P. 64)

A partir daí se perfaz o arcabouço narrativo. Há, na leitura, a organização do sentido conforme a articulação de valores e saberes previamente contemplados pelas vivências do leitor, sem profunda requisição de reflexão estética exatamente como propõe a abordagem da imagem visual

Os autores, Magno e Vasconcelos, no estudo da imagem como meio de aprendizagem apresentado no XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação em 2006, reforçam que a leiturabilidade se confunde com a visibilidade. Sob este ponto de vista os autores argumentam que, inicialmente, se processa uma ação *catalisadora* que corresponde à aproximação, em seguida, a interação se firmaria pela "capacidade de sedução, de persuasão, de desejo estimulado pelo encontro e capacidade de empatia estética e visual".

As vivências, articuladas aos valores sociais e individuais, são experiências valorosas para o processo de interpretação da imagem. Neste item consideramos que o leitor de imagem pode ocupar diferentes posições de leitura, em que se pode considerar o foto de um sujeito-leitor, com uma estética de recepção a ser desenvolvida ou aprimorada para o tratamento das informações visuais as quais é exposto no ambiente de aprendizagem escolar.

De acordo com Santaella e Nöth (2008), no que diz respeito à formação do discurso baseados na prerrogativa peirceniana, as informações visuais constituem aspectos de relevância semântica, sintática e pragmática:

- Dimensão semântica: trata-se da natureza indicial em correspondência àquilo que pertence à realidade com certa conexão física entre o significante e seu objeto referencial (Pierce, apud Santaella e Nöth, 2008). Trata-se de uma relação de causalidade produtiva de um signo indicial. São percebidos

em representações visuais que sofreram distorções gráficas com técnicas de retoque, filtragem de cores, fotomontagem (o objeto significante pode desaparecer).

- Dimensão sintática: o signo icônico pode representar objetos e seus predicados, assim como pode constituir-se de um argumento (de uma proposição). Existe também a possibilidade de aparecer em conjunto com uma mensagem verbal, em combinação texto-imagem, mas em certos gêneros pictóricos (pinturas, fotos, slides), nem sempre é imprescindível a mensagem verbal. Os argumentos visuais da imagem podem ser garantidos pela gestalt visual em que formas e contornos são percebidos pela como padrões de determinadas experiências cognitivas. Os próprios predicados da imagem são frutos da relação parte-todo, da contigüidade e de relações espaciais.
- Dimensão pragmática: as imagens constituem propósitos assertivos, podendo servir de documentos legais ou científicos da verdade, asseverando a verdade. O potencial assertivo de uma imagem é altamente aceito como documento da verdade em tribunais. Contudo, a função pragmática da imagem é aberta e indeterminada, com potencial proposicional dos signos pictoriais, também chamados de proposição radical. (Wittgenstein, apud Santaella e Nöth, 2008)

A pluralidade de significados pictoriais fica resguardo pelo conhecimento contextual e também cultural. Para assegurar a tendência á ambigüidade das imagens (como lugar comum da comunicação), é necessária a transmissão de valores, ideias e ideologias por mediador do processo de interpretação, garantida pela presença do docente em qualquer nível de ensino.

O ESTUDO DA IMAGEM

O estudo da imagem proclama a natureza iconológica da compreensão do significado por que demanda a análise de elementos implícitos ou explícitos do referente, o que determina uma postura interpretativa diante do objeto.

A determinação do significado mediante a postura interpretativa pode variar de acordo com os aspectos de formação social e cultural ou mesmo diante das perspectivas de interesses do intérprete. Sua relação com o signo determinará sua conduta interpretativa de modo que a imagem pode ser compreendida segundo análise de seus elementos implícitos ou explícitos. Essa demanda pode ser desencadeada a partir inconsciente imaginário do intérprete que cria efeitos de significados de cenários, relacionados aos diferentes aspectos de seu repertório de representações mentais.

É dessa forma que Picado (2004) em seu estudo analítico da discursividade e da imagem cita o trabalho de Lopes, para quem a qualidade potencialmente definidora dos conteúdos pictóricos é seu caráter aspectual.

Em contrapartida, o mesmo autor salienta que na visão de Peirce e a definição do percurso da semiose, remetendo-nos função sígnica – o modo signo se endereça ao contexto. Este aspecto, segundo o autor, é determinado pela abstração momentânea – interpretante de toda semiose. Assim, as estruturas de percepção assumem valoroso papel na operação interpretativa.

Picado conclui que o diferencial entre à perspectiva analítica de Lopes e de Pierce é que “As imagens compartilham o peso da linguagem em representar o mundo e nossos pensamentos sobre o mesmo. E esta função das imagens está mais evidente nas imagens demóticas do que nas estéticas.” (PICADO, 2004, apud LOPES, 1996: 7)

Outra forma de se observar a imagem, em especial no contexto de aprendizagem acadêmica, é abordada em estudos sobre ilustrações em livros didáticos. A autora Célia Belmiro (2000) apresenta um artigo no qual reflete sobre formas de visualidade da imagem nos livros didáticos de Português. A construção do conceito em livros didáticos, segundo a autora, é engendrada pelas imagens produzidas no e pelo cotidiano social. O processo de identificação e construção de sentido se perfaz através da ressignificação de mundo ao qual está submetido o aprendiz no contexto escolar.

A leitura da imagem, a construção de seu significado requer do leitor uma espécie de “letramento” visual para o qual não somos formalmente educados. De acordo com Belmiro (2000), a condição simbólica de representatividade da imagem se distribui em relações sociais e atrai os leitores pelo o que são capazes de perceber como modo de convivência. Um aspecto importante para configuração de papel de leitor, segundo a autora, é que a percepção visual deve ser aprendida.

As representações mentais de imagens são processos de representação sígnicas que dependem do processo cognitivo. Os autores Santaella e Nöth (2008) explicam dois modelos de representação cognitiva:

- Simbólico e proposicional: as imagens não são armazenadas de forma visual icônica e sim em forma de símbolos digitais que precedem uma rede de sistemas simbólicos com regras de combinações.
- Modelo analógico: apresenta a imagem como um esquema ou um mapa cognitivo numa estrutura mental espacial

Interessa saber que para as estratégias de ensino com ênfase no trabalho de associação de signos imagéticos como forma de facilitar a aprendizagem em sala de aula, a interpretação da imagem requer um processamento cognitivo que utiliza não somente o sistema visual, mas também o sistema verbal simultaneamente. Santaella e Nöth (2008) ainda salientam que o imageamento cortical dos processos cognitivos leitura de imagem ativam, no cérebro, os mesmos padrões de excitação neuronal (do córtex visual) que a visão real. Hagen (1994) ainda comenta ser possível que as operações simbólicas tenham importância na evocação de imagens mentais, confirmando esse fato com imageamento neurofisiológico das mesmas regiões corticais ativadas no processamento da imagem e no processamento lingüístico.

Zenon Pylyshyn acompanhou um pequeno número de indivíduos a fim de estudar suas capacidades sensoriais, de forma a observar e quantificar a sedimentação da percepção nas experiências de representações de imagens. O método de estudo considera um mecanismo inicial de visão que permite ao indivíduo escolher um número limitado de objetos sensoriais para re-identificação de cada um deles. A pesquisa considerou a persistência do registro individual, apesar das modificações em suas propriedades, como uma habilidade sensorial humana de

monitorar individual e independentemente objetos em movimento. Pela condução de diversos estudos empíricos o autor argumenta que a seleção não conceitual da percepção individual é o primeiro contato do mundo externo com o mundo interno da percepção.

Kosslyn (1980), por outro lado, utilizando em seus estudos tomografias de emissão de pósitrons, demonstra que a representação de imagens no sistema nervoso central pode ocorrer a partir de um sistema cognitivo superficial e outro, profundo; o autor relaciona tais representações com ativação da memória de curto e longo prazo, sendo esta última mais proposicional ou literal, gerando uma representação superficial estruturada pictoricamente. Dos estudos realizados pela sua equipe de neurologistas, ressalta-se o publicado por Bruce Bower(1995) que fez um mapeamento do fluxo sanguíneo no sistema nervoso central a partir da visualização de objetos e foi constatado que o córtex visual primário respondeu em diferentes padrões a grandes, pequenas e médias imagens. A mesma equipe postula que é possível confiar na capacidade do cérebro em gerar imagens em sinais internos fornecidos pelas regiões responsáveis pela visão.

De acordo com Julie Ann Miller (1995) que trabalhou com Kosslyn em estudos de percepção de imagens pelo sistema nervoso central utilizando tomografia por emissão de pósitron e também imageamento por ressonância magnética funcional Kosslyn está correto ao afirmar que há consciência visual porque é muito simples efetuar o imageamento da função sensorial da capacidade visual.

Linguagem icônica: interpretação.

> O que é percebido, então, é visto como algo análogo, semelhante à realidade, caracterizando, assim, sua natureza icônica. (BELMIRO, 200, p. 16)

Destaque-se ainda que a imagem: (a) pode ser real ou simbólica; (b) obtém-se por representação, por reflexão, por inversão, sempre com a presença de alguma espécie de filtro; (c) pode ser coletiva ou particular; (d) pode originar-se de experiência ou de projeção. (CORRÊA e CASTRO, 2006)

De acordo com os estudos de Marshall (2007), a imagem pode ser tratada como linguagem pela perspectiva cultural-linguística – sob a ótica da teoria estruturalista/pós-estruturalista – na qual toda visão é filtrada pela experiência e pela cultura, nesse caso a percepção não é direta, mas afetada pelo contexto social. O corolário dessa teoria parte da premissa de que toda imagem pode ser lida como um texto. A imagem é sempre ressignificada para cada leitor e compõe a cadeia de sua visão e de seu pensamento. Mesmo quando surge num espanto, comenta Corrêa e Castro (2006), ela pode encontrar, nos processos cognitivos do leitor, a sua cadeia de sentido. Portanto, salienta o autor, a imagem e seu significante não se sustenta sem uma prática social de linguagem que efetiva a discursividade.

Lopes (1987) orienta que as imagens são compostas de equivalências figurativas ou analógicas; os signos pictóricos podem contem uma modalidade entendida como *não-analógica*. Trata-se de um plano de expressão figurativo que faz referência a um referente *abstrato*.

O autor salienta que esse referente não figurativo / abstrato é determinado por conceitos gerais de cultura, conteúdos éticos, metafísicos ou doutrinários, até mesmo conhecimentos (saberes e crenças). O conceito interpretativo do leitor a uma imagem corresponde à representação simultânea das duas modalidades de signos. Na leitura da imagem o signo analógico é norteado pela leitura descritiva do referente figurativo. Portanto, conclui o autor, “as relações de equivalência figurativa são as que se dão entre uma referência discursiva e um referente do código igualmente figurativo.” (LOPES, 1987, p, 60)

Para Corrêa e Castro (2006), qualquer representação objetiva (como o caso da fotografia) da realidade não determina que haja subjetividade ou mesmo superficialidade na leitura da imagem. O autor pondera que há a intermediação humana substancia a discursividade da representação imagética. Essa intermediação é marcada pela presença da linguagem em seus vários aspectos de apresentação comunicativa.

Signos imagéticos produzem valores, preceitos, ideias e, portanto, integram-se ao terreno das ideologias, formando, segundo Citelli (2007) uma relação de

dependência entre todos esses elementos, provocando a compreensão de significados implícitos.

O elemento pictórico, enquanto signo imagético brota e se cresce junto aos fluxos sociais, culturais e históricos, sendo pensado e transmitido socialmente através da relação na formação de uma consciência crítica. Pode ter relação metafórica com semelhanças e subentendidos (através da representação superficial e profunda), com o processo típico da metáfora: transferência ou transição para atingir o plano simbólico (representativo, figurativo) e associação requerendo contextualização dos elementos imagéticos a fim de determinar sua significação própria e seu efeito figurativo no contexto analisado. Segundo Marshall (2007, p. 27), "o contraste da linguagem e da visão conduz a uma apreciação de visão cognitiva como uma modalidade com as suas próprias capacidades para construir e transmitir conhecimentos e conceitos". Mais adiante em suas análises, a autora argumenta que essas capacidades se sustentam pelas investigações visuais, uma vez que a percepção é uma função do cérebro e, portanto, todas as imagens são mediadas, determinando a linguagem não comunicável convencionalmente, ou seja, formando o sentido de icônico de comunicação:

> Tal como Ricoeur (1991) conclui em sua teoria da imaginação, todas imagens mentais são conceituais, mas não copiam a realidade. Arnheim (1969) concorda e postula que a mente um sentido através da percepção conceitual imagem (...). Nesse caso, para a abstração, Arnheim argumenta que imagens mentais estão sobre um nível básico de extensões cerebrais internas com maior refinamento das imagens percebidas pelo olho. Estas imagens são muitas vezes incompletas e sua parcialidade é não um déficit, mas uma fonte de sua função cognitiva e poder. Este abstração ou volatização representa um passo além de percepção conceituação. (MARSHALL, 2007, p. 28)

A imagem, portanto, no contexto acadêmico, pode ser estratégia de ensino quando o professor utiliza o signo pictórico como fator de metomínia (contrário da metáfora: em relação objetiva entre o plano de base e o plano simbólico) como forma de criar efeitos ideólogicos em contextos interpretativos: o todo pela parte (como as imagens gestalt), o continente pelo conteúdo (bandeira da união soviética – foice e martelo), autor pela obra (conceituação de artistas, pintores que retratam épocas ou diferentes contextos sociais), causa e efeito (bola de futebol e gol).

Em síntese, a imagem traz um discurso persuasivo, como por exemplo, campanhas publicitárias, em que não aparecem assinaturas, mas traduzem algum tipo de conceito que será induzido por uma imagem. Essa formação discursiva da imagem publicitária contém certa plasticidade que podem ser analisados como persuasores ocultos, de acordo com Santaella e Nöth (2008): entendido como um tipo de discurso da psicologia das massas, pode-se utilizar o potencial semiótico para fazer afirmações pictóricas com a intenção de iludir.

Na sala de aula, os signos imagéticos utilizados como meio de reforçamento de conceitos podem referir-se tanto à realidade factual quanto real, podem transmitir uma verdade ou uma mentira, mas pode ser objeto permanente de discussão em torno da compreensão do conteúdo programado.

Para Marjorie Manifold (2007) a mente faz uma acepção imaginativa da experiência estética por imagem, signo visual e linguístico de forma metafórica e com narrativa simples. Por essa razão a autora argumenta que livros ilustrados é particularmente útil como ferramenta para as crianças. Ela recomenda livros ilustrados inclusive para tranquilização emocional em casos de conflitos humanos.

A contigüidade da similaridade da imagem com a realidade e aquilo que representam podem destacar o potencial semiótico no signo icônico. A imagiologia, segundo Schuller (2004), pode adicionar uma inédita dimensão para a análise da aprendizagem ao longo da vida. O autor divide o estudo da imagem em algumas categorias (como ilustração, como prova e como heurística) e compreende a metáfora como sendo parte do domínio verbal, mas reconhece que as imagens, nesse caso, são geradas por palavras. No aspecto físico, prossegue o autor em seus argumentos ao analisar imagens publicitárias, a imagem pode ser explorada como ilustração que acionando linhas de pensamento anteriormente não pretendidas pelo escritor (do texto que a acompanha). Assim, pesquisadores podem encontrar suporte para pesquisas sobre como os adultos aprendem finaliza Sculler (2004), obtendo informações sobre capacidade de capturar significados de imagens pela ambigüidade ou contradição inerentes ao contexto ou fenômenos sociais vinculados à realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, pelos avanços das pesquisas envolvendo a questão do uso da imagem como mediação no processo ensino-aprendizagem, torna-se possível discutir sobre os tipos de atividades que o professor pode promover em sala de aula como estratégias de produção de sentido que podem ir além da simples oralidade. A leitura de imagens representa hoje a possibilidade de ampliação de construções de sentido e de perspectivas conceituais. Assim, para viabilizar, em sala de aula, o desenvolvimento de processos cognitivos específicos para a leitura de imagem, é necessário que haja perspectivas didáticas que priorizem o desenvolvimento da percepção visual do leitor.

O processo de construção do conhecimento no ambiente acadêmico pode ser promovido por um tipo de interlocução mediado pela imagem, cujas implicações discursivas são fortemente contempladas pela articulação da convivência social e dos saberes da educação formal, repercutindo num desenvolvimento cognitivo capaz de fornecer subsídios lexicais para novas correlações e ampliação da capacidade do leitor em fazer interpretações.

O benefício em utilizar a imagem como mediação dos processos cognitivos mais complexos é o estímulo que o signo imagético possui para a atividade acadêmica porque propicia ao educando maior aproximação com o objeto (tema) de estudo, selecionando, identificando e intensificando o já sabido.

Uma contribuição que o presente trabalho pode trazer à comunidade científica está no fato de que a exploração da construção do sentido através da leitura da imagem amplia a concepção de comunicação no contexto de sala de aula e pode favorecer novos questionamentos acerca dos processos em que se dão as possibilidades de interpretação da imagem, quer seja pela perspectiva social, histórica, cultural, midiática, ou mesmo pedagógica.

A imagem não é só uma arte ou mesmo uma ilustração despida de complexidade significativa. A semiótica pode comprovar que os saberes preexistentes são necessários para a compreensão do discurso visual. A

compreensão da imagem requer, além da capacidade de abstração, vivências e convivências sociais para a construção de um sentido.

Na interpretação da imagem, o discurso tanto pode estar implícito como explícito, contudo, é importante salientar que a correlação entre o estabelecimento de sentido e a leitura da imagem está pautada no desenvolvimento lexical. Precisamente, para efetuar a leitura de uma imagem é necessário um repertório léxico que promoverá o sentido não analógico ou abstrato. O referencial léxico pode determinar a nomeação e, portanto, a construção do sentido.

Tal realidade não pode ser ignorada para o docente que pretende, durante seu trabalho, aprimorar o conhecimento de seu educando ou mesmo reformular conceitos já existentes em sua disciplina.

REFERÊNCIAS

Belmiro, C. A. A imagem e suas formas de visualidade nos livros didáticos de Português. **Revista Educação & Sociedade**, ano XXI, nº 72, Agosto, 2000

BLIKSTEIN, Izidoro. **Técnicas de Comunicação Escrita.** 22ª edição. São Paulo: Atica, 2006.

Bower, Bruce. Brain scans set sights on mind's eye**. Science News**. v. 148, p. 372 - December. 1995

CHATEAU, Dominique**. Le Bouclier d'Achille: théorie de l'iconicité**. Paris: L'Harmattan, 1997.125 p.

CITELLI, A. **Linguagem e persuasã**o. São Paulo: Ática, 2007.

CORRÊA E CASTRO M. M. **Um vazio a ocupar: a articulação palavra-imagem nas práticas escolares de linguagem**. TEIAS: Rio de Janeiro, ano 7, nº 13-14, jan/dez 2006

GOODMANN, N. **Languages of art.** Indianápolis, Bobbs-Merril, 1968

HAGEN, G. Such nach den Bildern im Kopf. **Frankfuter Allgemeine Zeitung.** 79 (6.4.1994). N4, 1994.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem.** Campinas: Papirus, 1996.

KOSSLYN, S. **Image and mind.** Cambridge, Mass: MIT Press, 1980.

LOPES, Dominic. **Understanding Pictures**. Oxford: Clarendon Press, 1996.

LOPES, Edward. **Metáfora: da retórica à semiótica.** São Paulo: Editora Atual, 1987

MAGNO, M. I. C & VASCONCELOS, P. A. C. **A Imagem e a Interatividade em Ambientes de Aprendizagem.** Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da comunicação. 2006. Disponível em http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/19928/1/Maria+Magno-Paulo+de+Vasconcelos.pdf. Acessado em: 28/06/2008

MARSALL, Julia. Image as Insight: Visual Images in Practice-Based Research. **Studies in Art Education A Journal of Issues and Research.** vol 49(1), 23-41. 2007

MEDEIROS, João Bosco. **Comunicação Empresarial.** São Paulo: Editora Atlas, 2007

MILLER, Julie Ann. Vision check on the mind's eye. **BioScience.** v. 45, p. 245, April. 1995

MANIFOLD, Marjorie Cohee. The Healing Picture Book: An Aesthetic of Sorrow. **Teacher Librarian**. v. 34, no. 3, p. 20-6, February, 2007

OLIVEIRA, Glauce Rocha de. **Ver para crer: a imagem como construção.** Dissertação de mestrado: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas- USP, 2002.

PICADO, José Benjamim. **Duas abordagens sobre imagens e discursividade: pistas para uma semiótica visual.** Rev. Contemporanea. Salvador, v.2, n.1, p.195-210, junho de 2004.

PIMENTA, M. Alzira. **Comunicação Organzacional**. 4ª Ed. Campinas: Alínea, 2004.

Pylyshyn, Zenon W. **Things and places: How the mind connects with the world.** Cambridge: MIT Press 2007.

SANTAELLA, I. e NÖTH, W. **Imagem: cognição, semiótica e mídia.** São Paulo: Iluminuras, 2008

Schuller, Tom. Visual imagery, lifecourse structure and lifelong learning. **Studies in the Education of Adults**. v. 36, no. 1, p. 72-85, Spring, 2004

SCHÜLTZ, A. **Der sinnhafte Aufbaunder sozialen Welt.** Frankfurt /Main: Shrkamp, 1932.

SONESSON, G. **Pictorical Concepts.** Lund: University Press, 1989.

SOUZA, Tania C. Clemente de. **Discurso e Imagem: perspectivas de análise do não verbal** Disponível em: http://www.uff.br/mestcii/tania1.htm Acessado em 15/04/2008.